Capítulo III — Nascimento e nome do bom Ladrão

> **Sumário.** Pagão de nascimento. — Egípcio de origem. Pormenores sobre as ruínas atuais de Latroun, na Judeia. Citações de Quaresmo e de Monsenhor Mislin. Testemunhos do bispo de Equílio, de são Crisóstomo, de santo Agostinho, do bispo Eusébio, de são João Damasceno, de Pedro de Natalibus, do padre Orília. — Segundo a tradição mais antiga e mais difundida, o bom ladrão chamava-se Dimas. — Provas dessa tradição: o Evangelho de Nicodemos, o bispo de Equílio, Salmeron, Masini, Quaresmo, Pipino, Ravísio, Maurolico, os bolandistas, Godofredo de Vendôme, Teófilo Raynaud, Silveira, o padre Orília, o bem-aventurado Simão de Cássia. — Pormenores sobre o martirológio romano e a decisão da Congregação dos Ritos. — De que maneira se pôde conhecer o nome próprio do bom ladrão. — O arauto da justiça e o título. — Pormenores históricos.

Sobre o bom ladrão, seu nascimento, seu nome e sua vida, como sobre muitos outros personagens, o Evangelho guarda um silêncio misterioso. Mas se nos falta o sol, nem por isso estamos condenados a andar nas trevas. À luz da revelação supre, ao menos em parte, o facho da tradição: escutemos os seus órgãos.

> *Na cruz — diz são Crisóstomo —, Nosso Senhor falava a um homem estranho às verdades sublimes da religião; a um homem que nada sabia dos profetas, que passara toda a vida nos desertos a cometer assassínios, que jamais, nem de passagem, ouvira uma instrução; a um homem que nunca lera uma linha das Sagradas Escrituras.*[1]

Santo Agostinho fala como são Crisóstomo.

> *Antes da crucificação, o ladrão não conhecia sequer o Cristo. Se o tivesse conhecido, talvez não houvesse sido o último entre os apóstolos, ele que foi o primeiro no céu.*[2]

A mesma linguagem na boca do bispo Eusébio.

> *Antes de subir ao Calvário — diz ele —, esse homem não conhecia nem religião nem Cristo.*[3]

Ser completamente estranho às verdades da fé, nada saber nem dos profetas nem da Escritura, nem sequer saber se existia uma religião e um Messias: a um judeu de nascimento, por mais abandonado que se o suponha, semelhante retrato não parece poder convir.

Outra razão para crê-lo pagão é que ele era, no Calvário, o representante e a figura dos gentios, como o mau ladrão o era dos judeus.

> *Na cruz — diz são Crisóstomo — dois ladrões, imagem dos judeus e dos gentios. O ladrão penitente é a imagem da gentilidade, que primeiro andou pelas vias do erro e depois chegou à verdade. O ladrão que permanece ladrão até à morte é a imagem dos judeus. Até à hora da crucificação, andaram ambos pela estrada da iniquidade; a cruz os separou.*[4]

De todos esses indícios conclui-se que o bom ladrão era pagão; essa conclusão, parece-nos, nada tem de forçada. Além dos traços distintivos do bom ladrão, que se aplicam em tudo a um idólatra, todos sabem que a Palestina era cercada de populações pagãs. Mas qual foi o lugar de seu nascimento? Viu a luz numa caverna de ladrões, num deserto ou num país povoado? A essas perguntas a tradição não dá resposta certa. Conserva apenas a lembrança dos lugares que lhe serviram de covil ou que foram o teatro de algumas de suas façanhas.

O douto Quaresmo, comissário apostólico na Terra Santa, que nos deixou dois volumes *in-fólio* sobre a Palestina, descreve nestes termos a viagem de Jafa a Jerusalém:

> *De Ramá, onde pernoitam, os peregrinos de Jerusalém dirigem-se, para o oriente, à cidade santa.*

> *De Ramá a Jerusalém contam-se cerca de trinta milhas. Exceto a planície de Ramá, que é bela, larga, fértil e comprida de cerca de oito milhas, o resto do país é de acesso bastante difícil e quase sempre entrecortado de montanhas e colinas.*

> *A cerca de dez milhas de Ramá avistam-se à direita, a meia milha da estrada, as ruínas de um burgo situado no cimo de uma colina. Ali existiu outrora uma grande igreja, hoje quase inteiramente destruída. Esse montão de ruínas chama-se na região a Aldeia do bom Ladrão. Todavia, não é certo que o bom ladrão ali tenha nascido. A tradição refere apenas que foi em sua honra que se construiu a igreja de que só se veem as ruínas.*[5]

Eis o que escrevia, no começo do século XVII, um dos mais exatos historiadores da Palestina. Em nossos dias, um viajante não menos autorizado nos prova mais uma vez que nesse país do Oriente tudo parece imortal, as tradições como as ruínas:

> *Além de Ramla — diz Monsenhor Mislin —, o caminho continua por duas horas em terreno desigual e pedregoso até o primeiro desfiladeiro das montanhas da Judeia. Ali se encontram algumas choupanas habitadas e, nas colinas, avistam-se as ruínas de Latroun, lugar de residência presumida do bom ladrão. Latroun, bem como as fortalezas de Plans e a de Maé, de que apenas se veem os destroços nas alturas vizinhas, foram demolidas por Saladino depois da destruição de Jope, de Ramá e de Ascalon.*

> *Essas ruínas, cujo aspecto é tão sinistro quanto a sua reputação, eram mais formidáveis há alguns anos; mas como serviam de covil a bandidos que só tinham conservado do bom ladrão as tradições de sua vida, e não as de seu arrependimento, Ibrahim derrubara essas fortalezas do banditismo, e sob o seu domínio a segurança reaparecera. Mas quando os paxás de Constantinopla voltaram às suas antigas possessões, os ladrões de Latroun e de outros lugares tornaram aos seus. Parecem bastante numerosos hoje.*[6]

A que raça pertencia o bom ladrão? Era árabe, fenício, sírio? O sentimento mais comum o crê egípcio.

> *Dos autores que acabo de citar — diz Quaresmo — sabemos que o bom ladrão era egípcio de nascimento. Assim, não veio ao mundo na Judeia, no lugar que lhe guarda a lembrança. É certo apenas que, nesse lugar, a piedade dos fiéis edificou uma igreja em honra do ilustre santo.*[7]

Que Dimas fosse egípcio, um dos doutos coletores de nossas antigas tradições, o bispo de Equílio, o afirma, segundo são João Damasceno, de modo absoluto.

> *Esse ladrão era egípcio de nação, como se vê em são João Damasceno. No tempo em que Nosso Senhor foi obrigado a fugir para o Egito, exercia o ofício de bandoleiro e, com os seus companheiros, despojava os viajantes.*[8]

> *Esse sentimento — acrescenta o padre Orília — parece bastante fundado para dar a certeza moral de que o bom ladrão era egípcio de nascimento.*[9]

Se assim é, o ladrão do deserto estava mergulhado na idolatria mais grosseira e mais gigantesca do mundo antigo. Adorador da serpente viva, da serpente familiar, da serpente deus e rei, do dragão de Mételi, do bode de Mendes, do crocodilo do Nilo, do gato, do boi, da cebola; numa palavra, adorador do demônio em suas múltiplas manifestações, mais temíveis e mais degradantes umas do que as outras: eis o bom ladrão. Do fundo desse abismo ao cimo do Calvário, medi a distância, e conhecereis o poder do milagre que, num piscar de olhos, do bandoleiro do deserto fez um santo.

Desse privilegiado da graça, qual era o nome? A essa pergunta não achamos resposta nos monumentos anteriores ao fim do século II. A partir dessa época, a tradição mais comum no Oriente e no Ocidente, fundada sem dúvida em testemunhos hoje desconhecidos, repete que o bom ladrão se chamava DIMAS, e o mau, GESTAS.

> *Pilatos — diz o Evangelho de Nicodemos — mandou que se escrevesse num título, conforme a acusação dos judeus, em letras hebraicas, gregas e latinas: Este é o rei dos judeus. Um dos ladrões que estavam crucificados, chamado Gestas, disse a Jesus: Se és o Cristo, livra-te a ti mesmo e a nós. Dimas, respondendo-lhe, repreendeu-o, dizendo: Não temes a Deus, tu que estás entre os que foram condenados?*[10]

Em seu *Catálogo dos Santos*, Pedro de Natalibus nos dá os mesmos nomes.

> *No tempo da morte de Nosso Senhor foram presos os dois bandoleiros, Dimas e Gestas. Condenados à morte, foram crucificados com Jesus Cristo.*[11]

O douto arcebispo de Gênova, Tiago de Voragine, pregando ao seu povo, exprime-se assim:

>

> *O jovem ladrão que persuadiu os companheiros a deixarem ir em paz a sagrada Família é o ladrão Dimas.*[12]

O grande teólogo Salmeron fala como os antigos.

> *Segundo Nicodemos, os dois ladrões chamavam-se Dimas e Gestas: eram os dois mais célebres bandoleiros do seu tempo.*[13]

Em sua *Bolonha ilustrada*, Masini escreve:

> *São Dimas, o bom ladrão, é venerado na igreja dos Santos Vital e Agrícola, onde se conserva um pedaço de sua cruz.*[14]

Quaresmo é o eco da mesma tradição. Diz ele:

> *Quanto ao nome do bom ladrão, que está em memória diante do Senhor, os antigos Martirológios o chamam Dimas. O mesmo nome lhe é dado por Guilherme Pipino e por Ravísio, que também o têm por egípcio de origem.*[15]

Um dos predecessores de Barônio na redação do Martirológio, o célebre Maurolico, cujo testemunho faz autoridade, insere sem reserva alguma o nome de são Dimas em seu Martirológio, e os próprios bolandistas o citam sem o desaprovar.[16]

O mesmo nome se encontra em Teófilo Raynaud, em Godofredo de Vendôme, em Malônio, no padre Orília, no bem-aventurado Simão de Cássia, no douto teólogo espanhol Silveira e em muitos outros autores.[17]

A 25 de março, o Martirológio romano, revisto pelo imortal Barônio, faz menção do bom ladrão nos termos seguintes:

> *Em Jerusalém, comemoração do bom ladrão, que confessou Jesus Cristo na cruz e mereceu ouvir estas palavras: Que hoje serás comigo no paraíso.*[18]

A propósito, o prudente cardeal faz esta nota, cuja reserva se explica pela natureza de um livro como o Martirológio, redigido no século XVI:

>

> *A maior parte o chama Dimas. Contudo, como esse nome é tirado dos Apócrifos, parece que foi por isso, e de propósito, que se omitiu no Martirológio. Apesar disso, encontram-se certo número de santuários e altares erigidos sob o nome de são Dimas.*[19]

É sem dúvida no mesmo espírito — queremos dizer, para impedir a gritaria dos protestantes e dos hipercríticos modernos — que, no fim do mesmo século, Sisto V e, em 1724, a Congregação dos Ritos suprimem o nome de Dimas ao conceder à ordem da Mercê e à dos Pios Operários a faculdade de rezar o ofício do bom ladrão.[20] A mesma concessão foi feita, nas mesmas condições, em favor dos clérigos regulares de são Caetano de Thiene.

A sábia reserva da Igreja romana infirma a tradição que nos ocupa? Não o supomos. Admitindo que o nome próprio do bom ladrão seja tirado unicamente dos Apócrifos, todos concordam em que essas obras encerram certo fundo de verdade: demos disso a prova. No ponto de que se trata agora, a verdade está bastante bem estabelecida para ter, de um lado, obtido o assentimento da maioria dos órgãos da tradição, *plerique*, diz Barônio; e para ter, de outro, dado lugar, sem reclamação da Igreja, à ereção, nas diferentes partes da cristandade, notadamente na Itália, de edifícios sagrados sob a invocação de são Dimas, nome próprio do bom ladrão.

Como nos pareceria temerário acusar de leviandade tantos homens respeitáveis que, de século em século, nos transmitiram o nome de Dimas, é esse o nome que, no curso desta obra, conservaremos ao glorioso crucificado do Calvário.

Aliás, se nos reportarmos aos usos da Antiguidade, compreender-se-á sem custo que se tenha podido conhecer com certeza o nome dos dois ladrões. Em nossos dias, ao menos na França, executam-se os criminosos sem publicar o nome no momento do suplício, sem afixá-lo em títulos, aos olhos da multidão: contudo todos o conhecem. Nos tempos antigos, havia, além dos debates judiciais, um gênero de publicidade mais imediato e mais solene.

Entre os judeus, como entre os romanos, o uso era, quando chegava o momento da execução, fazer proclamar o nome do condenado por um arauto que andava diante dele, ou inscrevê-lo em grandes caracteres numa tabuinha suspensa ao seu pescoço durante o fúnebre trajeto, e depois fixada ao instrumento do suplício, acima da cabeça do condenado.

Foi o que se deu com Nosso Senhor. Seu adorável nome foi gravado em três línguas num título. Ou esse título foi fixado à cruz ao sair do pretório de Pilatos, e foi o próprio Nosso Senhor quem o levou; ou foi levado diante dele por um agente da justiça durante todo o percurso da via dolorosa. Seja como for, chegado o cortejo ao cimo do Calvário, colocou-se o título na cruz, acima da cabeça do divino condenado. Entre os numerosos espectadores vindos recentemente a Jerusalém para as festas da Páscoa, de todas as partes do mundo, quantos talvez só por esse título souberam o nome e as qualidades da augusta Vítima?

Da mesma maneira, toda Jerusalém e todos os estrangeiros que ali se achavam puderam saber o nome do bom ladrão, e sabê-lo com certeza. O que se deu com Nosso Senhor não era exceção.

Como acabamos de recordar, nas execuções capitais a proclamação do nome ou o título, e mesmo um e outro, era o uso ordinário.

Escutemos o douto Justo Lípsio. Falando da crucificação em particular, diz:

> *Estando o condenado atado à cruz, passava-se ao título. Que dizia ele? A causa do suplício, o crime cometido... Era costume levar esse título diante do condenado, ou obrigá-lo a levá-lo ele mesmo.*[21]

A afirmação de Justo Lípsio funda-se na história. Eis o que Suetônio refere de Calígula:

> *Em Roma, num banquete público, tendo um escravo feito cair de um leito uma lâmina de prata, Caio entregou-o no ato ao carrasco, com ordem de lhe cortar as mãos, de pendurá-las ao seu pescoço, caídas sobre o peito, e de passeá-lo assim em torno dos convivas, precedido de um título que indicava a causa de seu suplício.*[22]

Domiciano imita Calígula, ou antes conforma-se ao uso. O cruel César dava jogos ao povo no Coliseu. Entre os cem mil espectadores havia um pai de família, um veterano, pertencente ao corpo dos parmulários. Eram soldados assim chamados do escudo, denominado *parma*.[23] Usando da liberdade de que gozavam as tropas romanas, o velho soldado permitiu-se uma pilhéria. Vendo um gladiador, trácio de nação e de mediana aparência, disse: *«Esse trácio não passa de um mirmilão, pouco digno daquele que dá os jogos.»*

Domiciano toma a pilhéria para si: vê nela um ultraje à sua divindade. No ato, manda tirar das fileiras o infeliz parmulário e prende-se-lhe um título assim redigido: *Parmulário que falou com impiedade*. Conduzido ao meio da arena, é despedaçado por cães.[24]

Os fatos precedentes não são exceções devidas à crueldade pessoal dos dois tiranos coroados. Eram, repetimo-lo, conformes ao uso. Não só se proclamava o nome do condenado, mas agitavam-se campainhas, tocava-se a trombeta diante dele, para avisar o povo. Escutemos Tácito e Sêneca:

> *Quando os cônsules — diz o primeiro — levaram Públio Márcio para fora da porta Esquilina, fizeram soar a trombeta e executaram o culpado segundo o costume dos antepassados.*[25]

Descrevendo uma execução, o segundo exprime-se nestes termos:

> *O pretor sobe ao seu tribunal; todos olham. As mãos do culpado são atadas atrás das costas. Todos os olhos estão abertos; a tristeza está pintada em todos os rostos. O arauto impõe silêncio, faz a proclamação ordenada pela lei, e a trombeta soa.*[26]

Esse uso praticava-se em todo o império. Jamais um culpado ia ao suplício sem o título ou sem o pregoeiro que anunciava a causa de sua condenação. Daí esta expressão vulgar: *«Tal compareceu diante do juiz com tal título.»*[27] Citemos ainda alguns exemplos.

Espartiano refere que, antes de ser imperador, Setímio Severo foi nomeado governador da província proconsular da África. Um de seus antigos companheiros de estudos, membro do município de Leptis, veio-lhe ao encontro, precedido de archotes, e, embora plebeu, julgou poder abraçá-lo. O orgulhoso procônsul mandou-o açoitar com varas, enquanto um arauto gritava: *Plebeu, não sejas tão temerário que abraces um enviado do povo romano*.[28]

Na vida de Alexandre Severo encontramos um fato análogo. Entre os cortesãos desse príncipe havia um certo Vetrônio Turino, que se gabava de ter grande influência sobre o imperador e de obter dele tudo o que pedia. Quem solicitava um favor ou um emprego dirigia-se a Turino. Este prometia falar ao imperador, mas nada fazia. Entrementes aceitava, por baixo da mesa, largos honorários pelos seus pretensos bons ofícios. Sob forma pouco diferente, era a propina do século XIX.

Alexandre descobre a fraude e manda prender Turino no ato. Por ordem sua, o vendedor de fumaça é conduzido à praça pública chamada Fórum Transitório.[29] Ali é suspenso a um poste, ou cruz simples, ao pé do qual se acende fogo com palha e lenha molhada. Enquanto ele se sufoca, o arauto da justiça grita: *«Punido pela fumaça aquele que vendeu fumaça.»*[30]

Um rescrito imperial de Severo e Antonino diz o seguinte:

> *Quem tiver feito falso juramento, jurando pelo gênio do príncipe, será castigado com varas e se lhe gritará: Aprende a não jurar temerariamente.*[31]

Tertuliano faz menção do mesmo uso praticado com respeito aos cristãos,[32] e numerosos fatos confirmam o testemunho do ilustre apologista. Eis apenas dois, entre todos. Narrando o martírio de santa Inês, santo Ambrósio diz:

> *O juiz ordenou que fosse conduzida ao lupanar, acompanhada do arauto da justiça, que gritava: Inês, virgem sacrílega, culpada de blasfêmia contra os deuses, condenada ao lupanar.*[33]

Na grande perseguição que o inundou de sangue cristão, Lyon viu o mesmo espetáculo. Um dos mais gloriosos mártires, Átalo, foi passeado por todo o anfiteatro, precedido deste título: *Este é Átalo, cristão*.[34] Alhures, o título de nossos antepassados dizia: *«Inimigo dos imperadores e dos deuses: Imperatorum et deorum inimicus.»*

O imóvel Oriente nada mudou nos usos da Antiguidade. É ainda precedidos de um título que vão ao martírio nossos missionários do Tonquim, da Cochinchina e da Coreia. Podem-se ver em Paris, no seminário das Missões Estrangeiras, alguns dos títulos em que estão gravados o nome deles e a causa de sua condenação. Citemos o do Sr. Schoeffler, martirizado a 1.º de maio de 1851.

A alguns passos à frente do confessor, um soldado levava erguida, à maneira de estandarte, uma pequena tabuinha em que se lia, em grandes caracteres:

> *Apesar da severa proibição lançada contra a religião de Jesus, o senhor Agostinho, sacerdote europeu, ousou vir clandestinamente aqui para pregá-la e seduzir o povo. Preso, confessou tudo. Seu crime é patente. Que o senhor Agostinho tenha a cabeça cortada e lançada ao rio.*[35]

Em 1866, encontramos o mesmo uso na Coreia. Na quinta-feira, 8 de março, os quatro mártires — Monsenhor Berneux e os senhores de Bretenières, Beaulieu e Dorie — foram tirados da prisão. Sentaram-nos cada um numa longa cadeira, levada por dois homens. Tinham as mãos e os pés atados ao madeiro da cadeira e a cabeça ligeiramente reclinada para trás, presa pelos cabelos. Caminhavam para a morte olhando o céu, onde logo seriam coroados. Acima da cabeça estava fixada uma pequena tábua, em cujos dois lados se lia esta sentença:

> *Rebelde e desobediente, condenado à morte, depois de haver sofrido vários suplícios.*[36]

Dois dias depois, a 10 de março, o mesmo espetáculo. Um carro, sobre o qual se ergue uma cruz, detém-se diante da prisão dos mártires. Dele fazem sair o venerável Pedro Tjoi e atam-no à cruz. Seus pés repousam sobre um banquinho, as pernas estão atadas abaixo dos joelhos ao tronco da cruz, os braços estendidos, e os cabelos presos a uma travessa de madeira que domina o instrumento do suplício. Acima da cabeça lê-se a sentença de morte.[37]

O que se praticava entre os romanos, o que ainda se pratica entre os diferentes povos do Oriente, praticava-se invariavelmente entre os judeus. O título era uma lição dada ao público, a fim de que todos se instruíssem com a desgraça alheia.[38] Como Nosso Senhor, tiveram os ladrões do Calvário os seus títulos? Tudo leva a crê-lo. Foram ao menos precedidos do arauto, proclamando o seu nome e os seus crimes? A dúvida é permitida. Seja como for, os pormenores em que entramos mostram de que maneira pôde ser conhecido o nome próprio do bom Ladrão e dão uma origem séria à tradição que no-lo transmitiu.

Notas

[1] *Latronem alloquebatur, hominem qui sublimibus dogmatibus imbutus non fuerat, neque de prophetia quidquam noverat; sed omne tempus in desertis locis transegerat, cædesque patrarat; neque ad concionem unquam in transitu declinaverat, neque sacræ lectionis particeps fuerat...* («Falava a um ladrão, homem que não fora instruído nos sublimes dogmas, nem sabia coisa alguma de profecia; mas passara todo o tempo em lugares desertos e cometera assassínios; nunca, nem de passagem, se desviara para ouvir uma pregação, nem tivera parte em leitura sagrada...») Serm. VII, *in Genes.*, p. 790, n.º 5, *Opp.*, t. IV, edição Gaume.

[2] *Latro nec ante Christum scivit. Quod si scivisset, forsitan inter apostolos non postremus in numero, qui prior factus est in regno.* («O ladrão não conheceu o Cristo antes. Se o tivesse conhecido, talvez não fosse o último em número entre os apóstolos, ele que foi o primeiro no reino.») Serm. XLVI, *De divers.*, em apêndice.

[3] *Nec religionem ante, nec Christum scivit.* («Antes, não conheceu nem a religião nem o Cristo.») *De latr. beat.*, em *Bibl. Max. PP.*, t. V, 644.

[4] *In cruce duo latrones, imago Judæorum et Gentilium. Latro qui pœnitet, imaginem obtinet populi ex gentibus congregati, qui prius in errore ambulaverat, et post hoc veritatem agnovit. Imaginem vero latro ille obtinet Judæorum, qui usque in finem perseverat latro. Et usque ad tempus quidem crucis viam malignitatis ierunt; crux autem divisit utrumque.* («Na cruz, dois ladrões, imagem dos judeus e dos gentios. O ladrão que faz penitência tem a imagem do povo reunido dentre as nações, que antes andara no erro e depois reconheceu a verdade. Aquele ladrão, porém, que persevera ladrão até o fim tem a imagem dos judeus. E até o tempo da cruz percorreram o caminho da malícia; a cruz, porém, separou a ambos.») *De cruc. et latr.*, hom. II, 2.

[5] *Hist. theologic. et moralis Terræ Sanctæ Elucidatio*, 2 vol. *in-fólio*, Antuérpia, 1639, t. II, cap. V, p. 12.

[6] *Lieux saints* («Lugares santos»), t. I, cap. XVII, p. 408.

[7] *Ex his auctoribus habemus bonum latronem fuisse natum Ægyptium, ac consequenter non eo Judææ loco, sed in Ægypto natum; ac ideo non dici hoc Castrum boni latronis, quod ille ibi fuerit in lucem editus. Dici potest quod certum est fuisse ibi a piis fidelibus ob devotionem erga hunc sanctum constructam ecclesiam.* («Desses autores temos que o bom ladrão nasceu egípcio e, por conseguinte, não nasceu nesse lugar da Judeia, mas no Egito; e por isso não se chama este o Castelo do bom ladrão por ter ele ali nascido. Pode-se dizer o que é certo: que ali foi construída uma igreja pelos piedosos fiéis por devoção a esse santo.») Ibid.

[8] *Fuit autem hic latro Ægyptius natione, ut habetur in compilatione Damasceni; qui tempore quo Christus in Ægyptum fugatus est, prædo erat... et transeuntes cum sociis spoliabat.* («Foi esse ladrão egípcio de nação, como se tem na compilação do Damasceno; no tempo em que Cristo foi obrigado a fugir para o Egito, era salteador... e com os companheiros despojava os que passavam.») *Catalog. SS.*, liv. III, cap. CCXXVIII.

[9] *Dalla concordia de' già citati scrittori si può con morale certezza arguire, che 'l nostro buon ladro fosse Egizziano di nazione.* («Da concordância dos escritores já citados pode-se arguir com certeza moral que o nosso bom ladrão era egípcio de nação.») *Riflessioni istoriche su la vita del glorioso san Dima*, etc., cap. II, p. 11. — Obra raríssima, um vol. *in-4.º*, Nápoles, 1714. Aprovada com elogio pela autoridade eclesiástica.

[10] *Evang. apocr.*, cap. IX, p. 243, edição Brunet.

[11] *Tempore igitur mortis Christi Dimas, cum alio latrone nomine Gestas, pro facinoribus suis a Judæis capti, cum Christo morti adjudicantur.* («No tempo, pois, da morte de Cristo, Dimas, com outro ladrão de nome Gestas, presos pelos judeus por seus crimes, foram condenados à morte com Cristo.») Liv. III, cap. CCXXVIII.

[12] *Atque hic fuit Dimas latro.* («E este foi o ladrão Dimas.») Serm. XLIV e III, *De SS. Innocent.*

[13] *Latrones illos, juxta Nicodemum, vocatos fuisse Dimam et Gestam, infames prorsus illius ætatis latrones.* («Aqueles ladrões, segundo Nicodemos, chamaram-se Dimas e Gestas, ladrões de todo infames daquela época.») Trat. XXXV, *De crucifix. Dom.*, t. X.

[14] *Sanctum Dimam bonum latronem in veneratione esse in ecclesia Sanctorum Vitalis et Agricolæ, ubi pars aliqua crucis ejus conservatur.* («São Dimas, o bom ladrão, é tido em veneração na igreja dos Santos Vital e Agrícola, onde se conserva uma parte de sua cruz.»)

[15] *Quantum ad ejus nomen, quod est in memoria apud Dominum, Disma in antiquis Martyrologiis appellatur. Id ipsum quoque testantur Guillelmus Pipinus, Statione 7ª Christipatientis, Ravisius t. I Officina, tit. De cruce; qui etiam docent eum natione fuisse Ægyptium.* («Quanto ao seu nome, que está em memória junto do Senhor, nos antigos Martirológios chama-se Disma. O mesmo atestam também Guilherme Pipino, na estação 7.ª do *Christipatiens*, e Ravísio, t. I da *Officina*, tít. *De cruce*; os quais ensinam também que era egípcio de nação.») Ibid.

[16] *Inserta est in Martyrologio Maurolyci memoria Dimæ, boni latronis, cui Salvator in cruce paradisum promisit.* («Está inserida no Martirológio de Maurolico a memória de Dimas, o bom ladrão, a quem o Salvador na cruz prometeu o paraíso.») *Act. SS.*, 25 de março.

[17] *Metamorph. latron.*, cap. I, n.º 3; Serm. X, no fim, cap. XXI; *De Sacr. Sind.*; *in Luc.*, liv. XIII, cap. I; *in Joan.*, XVI, etc., etc.; *id.* Antônio Gislando, *Quæst.* 677, *in Dom. pass.*, etc.

[18] *Hierosolymis commemoratio sancti latronis, qui in cruce Christum confessus ab eo meruit audire: Hodie mecum eris in paradiso.* («Em Jerusalém, comemoração do santo ladrão, que, tendo confessado Cristo na cruz, mereceu dele ouvir: *Que hoje serás comigo no paraíso*.»)

[19] *Dimam hunc plerique appellant; sed quoniam id ex apocryphis proditur, ea de causa hic nomen proprium consulto prætermissum videtur. Reperiuntur autem sancti Dimæ latronis nomine nonnulla sacella dicata, et memoriæ erectæ eodem titulo.* («A este chamam-no Dimas a maior parte; mas como isso se transmite pelos apócrifos, por essa razão parece que aqui o nome próprio foi omitido de propósito. Encontram-se, contudo, algumas capelas dedicadas sob o nome do santo

ladrão Dimas, e memórias erigidas com o mesmo título.»)

[20] Ver Bento XIV, *De canonizat. SS.*, liv. IV, p. II, cap. XII, n.º 10.

[21] *Post astrictionem inscriptio, quid ea est? Causa supplicii et ipsum crimen, et romana voce titulus; atque hic titulus præferri, aut apponi solet damnatis.* («Depois da atadura, a inscrição: que é ela? A causa do suplício e o próprio crime, e, em voz romana, o título; e esse título costuma ser levado adiante ou afixado aos condenados.») *De cruce*, liv. I, cap. XII.

[22] *Romæ, publico epulo, servum ob detractam lectis argenteam laminam carnifici confestim tradidit, ut manibus abscissis, atque ante pectus e collo pendentibus, præcedente titulo qui causam pœnæ indicaret, per cœtus epulantium circumduceretur.* («Em Roma, num banquete público, entregou de imediato ao carrasco um escravo que tirara dos leitos uma lâmina de prata, para que, cortadas as mãos e pendentes do pescoço diante do peito, precedido de um título que indicasse a causa da pena, fosse levado em volta pelos grupos de convivas.») *In Calig.*, cap. XLIV.

[23] A *parma* era um pequeno escudo de couro cru, de uso da infantaria.

[24] *Patrem familias, quod Thracem Mirmilloni parem, munerario imparem dixerat, detractum e spectaculis in arenam, canibus objecit, cum hoc titulo: Impie locutus Parmularius.* («Um pai de família que dissera que o trácio era igual ao mirmilão, mas desigual ao dador dos jogos, foi arrancado do espetáculo e lançado aos cães na arena, com este título: *Parmulário que falou impiamente*.») *In Domit.*, cap. X.

[25] *In P. Marcium consules extra portam Esquilinam, cum classicum canere jussissent, more prisco advertere.* («Contra Públio Márcio, os cônsules, fora da porta Esquilina, tendo mandado tocar a trombeta, procederam segundo o antigo costume.») *Ann.*, liv. I.

[26] *Ascendit prætor tribunal, inspectante provincia: noxiæ post terga ligantur manus; statim intento ac tristi omnium vultu, fit a præcone silentium, adhibentur deinde legitima verba: canitur ex altera parte classicum.* («Sobe o pretor ao tribunal, olhando a província: ligam-se atrás das costas as mãos do culpado; logo, com o semblante atento e triste de todos, o arauto faz silêncio, empregam-se então as palavras legais; de outra parte soa a trombeta.») IX, *Controvers.*, II.

[27] *Hunc vel illum, hoc illove titulo delatum ad judicem.* («Este ou aquele, levado ao juiz com este ou aquele título.»)

[28] *In qua legatione quum eum quidam municipum suorum, Leptitanus, præcedentibus fascibus, ut antiquum contubernalem ipse plebeius amplexus esset, fustibus eum sub elogio ejusdem præconis cæcidit: Legatum P. R. homo plebeius temere amplecti noli. Ex quo factum est ut in vehiculo etiam legati sederent, qui ante pedibus ambulabant.* («Nessa legação, tendo um de seus concidadãos, de Leptis, sendo ele plebeu, abraçado, como a um antigo companheiro, a quem os fasces precediam, mandou açoitá-lo com varas, sob a proclamação do mesmo arauto: *Plebeu, não ouses abraçar temerariamente um legado do povo romano.* Daí resultou que também os legados passassem a ir sentados em veículo, quando antes andavam a pé.») *In Sever.*, p. 64, edição *in-fólio*, 1620.

[29] Contavam-se em Roma dezessete fóruns. Uns, chamados *vinalia*, eram praças de mercado; outros, chamados *civilia*, eram a sede dos tribunais e o ponto de encontro dos ociosos. A estes últimos pertencia o Fórum Transitório. Começado por Domiciano e concluído por Nerva, devia o nome ao grande número de pessoas que o atravessavam para passar de um bairro da cidade a outro.

[30] *In foro transitorio ad stipitem illum ligari præcepit, et fumo apposito, quem ex stipulis et humidis lignis fieri jusserat, necavit, præcone dicente: Fumo punitur, qui fumum vendidit.* («No Fórum Transitório mandou atá-lo a um poste e, aplicada a fumaça que ordenara fazer de palha e lenha úmida, matou-o, dizendo o arauto: *Pela fumaça é punido quem vendeu fumaça*.») Lamprídio, *in Alexand.*, p. 126, edição *ubi supra*.

[31] *Eum qui per genium principis pejerasset, fustibus castigandum dimitti, et ita ei superdici: Temere ne jura.* («Quem tiver perjurado pelo gênio do príncipe seja despedido castigado com varas, e assim se lhe diga por cima: *Não jures temerariamente*.») Liv. *Si duo de jurejur.*, etc.

[32] *Qui sententiis elogia dispungitis, tot a vobis nocentes variis criminum elogiis recensentur*, etc. («Vós que, pelas sentenças, riscais os títulos, quantos culpados são enumerados por vós com variados títulos de crimes», etc.) *Apolog.*, cap. XLIV. — *Pudens missum ad se christianum, in elogio, concessione ejus intellecta, dimisit, scisso eodem elogio.* («Pudente, tendo-lhe sido enviado um cristão, no título, compreendida a concessão dele, deixou-o ir, rasgado o mesmo título.») *Ad Scapul.*, cap. IV, e *Not.* Pamélio 28.

[33] *Agnem ad lupanar duci, sub hac voce præconis: Agnem sacrilegam virginem, diis blasphemiam inferentem, scortum lupanaribus datam.* («Que Inês fosse levada ao lupanar, sob esta voz do arauto: *Inês, virgem sacrílega, que lança blasfêmia contra os deuses, entregue aos lupanares como prostituta*.») *In ejus vit.*

[34] *Circumactus per amphitheatrum tabella ipsum præeunte, in qua latine scriptum: Hic est Attalus christianus.* («Levado em volta pelo anfiteatro, precedendo-o uma tabuinha em que estava escrito em latim: *Este é Átalo, cristão*.») Eusébio, *Hist.*, liv. V, cap. I.

[35] *Salle des Martyrs* («Sala dos Mártires»), p. 333.

[36] *Annal. de la Pr. de la foi* («Anais da Propagação da Fé»), n.º 236, p. 39.

[37] Ibid., p. 55.

[38] Lípsio, *ibid.* Orília, cap. I, p. 18.

Revision #1
Created 25 November 2026 00:39:43 by Admin
Updated 25 November 2026 00:39:43 by Admin